

Fátima Oliveira

Faculdade de Letras da
Universidade do Porto

ALGUNS ASPECTOS DO ASPECTO

O estudo do aspecto afigura-se-me bastante complexo pelas relações que entretém com o tempo gramatical, com uma tipologia de estados de coisas, assim como com questões de referência nominal, isto é, com o tipo de referência nominal (Krifka 89), nomeadamente a diferença entre predicados cumulativos e 'quantizados'.

Em virtude desta intrincada rede de relações e inferências, este texto é apenas o primeiro esboço, com o objectivo de tornar mais claras algumas questões relacionadas com o Aspecto.

Determinar em que consiste o Aspecto separadamente de Tempo e de 'Aktionsarten' parece-me neste momento bastante difícil. Com efeito, originalmente o Aspecto referia-se só à oposição perfectivo/imperfectivo acerca da descrição de eventos que representam estados de coisas concluídos ou não. Esta concepção está, parece-me, intimamente ligada aos estudos que foram feitos nas línguas eslavas onde tal oposição é marcada através de partículas antepostas aos verbos. No entanto, esta noção tem-se alargado a outras noções como, por exemplo, duração, instaneidade, frequência, início, completude, etc., na medida em que elas também se encontram gramaticalizadas na estrutura de várias línguas (cf. Lyons 77:705-6). Neste caso, a diferença com 'Aktionsarten', onde

tais noções também se encontram, consistiria só no facto de que esta categoria diria apenas respeito às lexicalizações de tais distinções. O problema é que, por vezes, é difícil distinguir o que é lexicalização e o que é gramaticalização. Por exemplo, em Português para dizer se um estado de coisas se repete, pode utilizar-se *costumar V*, um advérbio como *repetidamente* ou, por vezes, um Imperfeito. Se queremos mencionar o meio (ou o decurso) de um estado de coisas (e não o fim ou o princípio) pode usar-se *estar a* ou, por vezes, o Imperfeito.

Até que ponto se trata de formas gramaticais ou itens lexicais é talvez difícil dizer. Para além disso, a diferença entre as preposições *a* e *para* em Português em certas construções faz lembrar a ausência ou presença de afixos (prefixos) verbais em Checo:

- | | | |
|-----|------------------------|-----------------------|
| (1) | O João foi a Lisboa | Jan zajel si do Prahy |
| (2) | O João foi para Lisboa | Jan jel do Prahy |

ou ainda em Inglês (também com preposição):

- (3) He walked to the station
- (4) He walked towards the station

Por outro lado, o Aspecto tem sido visto também numa perspectiva subjectiva, isto é, a representação que o sujeito falante tem do processo expresso pelo verbo, sendo portanto relativo à enunciação e diferenciando-se do tempo porque este situa o processo relativamente ao enunciado (cf. Dubois 73:53).

Ora, aquilo que parece mais interessante é tentar descrever, por um lado, os meios que os falantes têm ao seu dispor para processar informação temporal, isto é, como os estados de coisas estão ordenados uns em relação aos outros ou em relação a um determinado ponto fixado, e, por outro lado, tentar descrever os mecanismos que dão conta da

estrutura (interna) dos estados de coisas, pois as suas relações podem ser bastante complexas e variáveis.

Creio também ser importante mencionar qual a posição que aqui adoptarei relativamente a uma qualquer taxinomia. Parece-me que o que é importante do ponto de vista linguístico é tentar equacionar a forma como os falantes descrevem o mundo (e não como ele é) através dos meios linguísticos que estão disponíveis na sua língua. Isto não quer dizer que tal não seja de grande importância, mas parece-me, pelo menos por agora, que é uma questão a desenvolver-se em coordenação com outros domínios. Da mesma maneira que a concepção linear do tempo subjacente ao senso comum não se coaduna com a concepção da teoria da Relatividade, assim, o que mais interessa não é se estamos perante um processo do mundo real, mas como é que em relação a um determinado estado de coisas o perspectivamos e comunicamos ao nosso interlocutor.

Com efeito, perante um determinado estado de coisas no mundo real, podemos descrevê-lo de formas diferentes¹ :

- (5) Fiz dois telefonemas
- (6) Fiz telefonemas
- (7) Estive a fazer telefonemas
- (8) Acabei de fazer dois telefonemas

¹ Em qualquer dos exemplos de(5)-(8) a situação no mundo real pode ser a mesma. No entanto, em (5) apresenta-se como um processo culminativo, em (6) como um processo, em (7) como um estado e em (8) como a culminação de um processo.

Não deixa de ser interessante comparar variantes de "estar ao telefone":

- (i) estive ao telefone (uma ou várias vezes)
- (ii) estava ao telefone (uma só vez).

sendo (i) compatível com "durante uma hora" e (ii) não é compatível. A distinção, neste caso, P.Perfeito/P.Imperfeito revela algum parentesco com a diferença entre (6) e (5), evidenciando que o Aspecto está relacionado com a referência nominal. Veja-se a este respeito o que se passa nas línguas eslavas (cf. Filip,H. 1991).

Há de facto várias tipologias e todas elas com mais ou menos problemas. A classificação clássica é a de Vendler que distingue quatro categorias (actividades, 'accomplishments', 'achievements', estados)² consoante se trata de processos com fases sucessivas (os dois primeiros) ou sem fases sucessivas (os dois segundos). De entre os dois primeiros, as actividades são homogéneas e os 'accomplishments' heterogéneos³. Quanto aos dois últimos, os 'achievements' são pontuais e os estados dizem respeito a um período.

Esta classificação tem sido alvo de várias alterações (Leech 71), (Mourelatos 78), (Carlson 81), (Smith 91). Mas o importante é verificar que, sendo esta classificação relativamente rígida, a verdade é que é sempre possível encontrar contextos em que frases não aceitáveis, em virtude do tipo de estado de coisas, se tornam aceitáveis. Por exemplo, para Vendler, os 'achievements' e os estados não podem ocorrer na forma progressiva, mas vejam-se os seguintes exemplos, tanto em Português como em Inglês:

- (9) O João está a ganhar a corrida (prestes a..)
- (10) O João está sabendo isso (Português do Brasil)
- (11) O João está a saber cozinhar

- (12) John is winning the race
- (13) John is knowing mathematics
- (14) John is reaching the top⁴

² Optei pela utilização da versão em Inglês de dois dos termos da classificação de Vendler por serem assim mais conhecidos, mas proponho para "accomplishments" a tradução de 'conclusão' e para "achievements" a de 'consecução'.

³ A razão pela qual Vendler considera que os "accomplishments" são heterogéneos é porque incluem uma conclusão.

⁴ Um exemplo como (13) pode parecer um pouco estranho mas se o entendermos como "J. is knowing maths more and more" (cada vez mais). No exemplo (14) está a mencionar-se a fase final do processo. Compare-se esta última frase com a seguinte: "O João está (sempre) a esquecer-se do aniversário da Maria" (adaptado de Lyons 77:712) em que há um valor iterativo.

Claro que as interpretações são ligeiramente diferentes, mas o que interessa aqui chamar a atenção é que não é um critério seguro para determinar se se trata ou não de um estado ou de um 'achievement'. Segundo Vendler, exemplos como estes seriam considerados derivados ou secundários (cf. Smith 91).

Assim, o que me parece mais interessante abordar não é, neste momento, uma classificação ou uma tipologia de estados de coisas com uma certa fixidez, mas antes considerar uma classificação nuclear à qual se associam condições que determinam com algum rigor passagens de tipos de estados de coisas para outros.

Deste modo, e dados os objectivos aqui apresentados, a perspectiva que apresenta mais alicjantes neste sentido é a proposta por Moens 87. A sua taxinomia estabelece uma clara distinção entre estados e não-estados que ele denomina por eventos, estando, parece-me, de acordo com uma distinção entre situações dinâmicas e estáticas como base ontológica. Os *eventos* são considerados *delimitados* (bounded) uma vez que se supõe que começam e terminam em pontos relativamente precisos no tempo. Os *estados*, por seu lado, *não são delimitados* (unbounded), embora alargados no tempo, por não se fazer referência ao início ou ao fim de um estado⁵. Se se disser: "O João esteve sentado" não se diz quando se levantou nem quando se sentou, pois só se sabe que foi no passado e que está concluído. Se se acrescentar "duas horas", essa é a extensão temporal, mas sem marcar os limites.

Dentro dos eventos, há duas distinções a fazer: *eventos atómicos* (indivisíveis) e *eventos alargados* (semelhante em Vendler a processos com fases sucessivas e os que as não têm ou semelhante à inclusão de

⁵ Veja-se o seguinte exemplo "Acabei de estar sentado duas horas". Neste caso é necessário um aspectual que marque sobretudo uma fronteira entre um estado (anterior) e eventualmente outro.

'stage' (fase) na terminologia de Smith para os 'accomplishments' e as actividades). Tanto os indivisíveis como os alargados podem ou não ter consequências (paralelo à oposição télico/atélico), na medida em que um evento télico alargado contempla um ponto bem definido no tempo, dando-se uma mudança, e permitindo assim falar-se de consequências do evento⁶. Um evento alargado atélico não contempla esse ponto final e por isso não autoriza a consideração de consequências.⁷ Por último, no quadro dos eventos indivisíveis (atómicos), Moens propõe a distinção entre *culminações* e *pontos* em que o primeiro inclui o ponto final, sendo portanto marcado relativamente a consequências, e o segundo, igualmente não estruturado, mas não incluindo quaisquer consequências. Destes, o primeiro apresenta semelhanças com 'achievements' de Vendler, mas o segundo não tem com esta classificação qualquer paralelo. No entanto, embora numa concepção bastante diferente, assemelha-se ao Semelfactivo de Smith (91).

Vejamos alguns exemplos:

- (15) O João ganhou a corrida (culminação)
- (16) O João espirrou (ponto)
- (17) O João comeu uma maçã (processo culminado)
- (18) O João tocou piano (processo)
- (19) O João ama a Maria (estado).

Ao estudar-se do ponto de vista linguístico o Aspecto, verifica-se que não é fundamentalmente lexical, embora possa ser lexicalizado, e que, de acordo com Verkuyl (72 e 89) e outros (cf., por exemplo, Dowty79), é mais defensável considerar que os argumentos do verbo, o tempo gramatical e os advérbios contribuem para determinar qual a classe a que uma expressão pertence. Por isso,

⁶ Neste caso teremos um Processo Culminado.

⁷ Neste caso temos um Processo.

- (20) A Rosa Mota correu na Foz (durante 2 horas)
- (21) A Rosa Mota correu a maratona (em 2h.20m)
- (22) A Rosa Mota corre pelo F. Club da Foz (habitual)
- (23) A Rosa Mota corre na Foz (habitualmente)

não são exemplos de ambiguidade do verbo *Correr*, mas antes o resultado da mudança de uma categoria para outra, consoante a *constelação* formada. Deste modo, uma classificação aspectual deve ser dinâmica. Mas, tais mudanças estão com certeza sujeitas a condições.

Vejamos alguns casos: pode dizer-se que correr é um processo, mas "correr a maratona em 2 horas" é um processo ao qual se acrescentou a culminação. Mas "correr a maratona durante 45 minutos" volta a ser um processo uma vez que só ocorreu temporariamente e, não tendo concluído a corrida, foi retirada a culminação. Uma outra alternativa seria "correr a maratona durante 45 minutos todos os dias". Neste caso trata-se de um processo que se transforma num ponto relativamente ao qual há iteração e temos assim um novo processo. A análise deste exemplo é, no entanto diferente de:

- (24) O João tocou a sonata durante todo o dia,

em que é evidente a iteratividade. Assim, "O João tocou durante horas" é basicamente um processo, "O João tocou a sonata" é já um processo culminado, mas "O João tocou a sonata todo o dia" passa a ser um ponto que, através da iteratividade, se transforma num processo.

No entanto, podemos pensar em contra-exemplos tais como:

- (25) O João correu em menos de 2 horas hoje

Com efeito, só um conhecimento específico e não geral pode dar conta deste exemplo, isto é, saber que o João costuma correr a 'maratona' ou uma certa distância todos os dias⁸. Mas veja-se ainda um outro exemplo:

(26) O João leu a mesma carta durante um mês

Ora, "O João leu a carta" é um processo culminado, mas "leu a mesma carta" passou a ser um processo iterativo que associado a "durante um mês" torna possível obter um novo processo.

É evidente que se pode desde já observar que um certo conhecimento do mundo tem que ser activado (nomeadamente o tempo de uma sonata ou o tempo de leitura de uma carta) ou ainda ser necessário requerer mais informação, como é o caso de (25), mas tal não ser necessário se, em vez de "O João", tivéssemos "o programa".

Como se verificou, é possível construir, a partir de um processo, um processo culminado, mas também se pode seguir o caminho inverso:

(27) A Maria concluiu o artigo em dois dias

Neste caso temos uma culminação (concluir o artigo) à qual foi associado "em dois dias", passando, assim, a um processo culminado⁹.

Como se vê, as relações entre processo, processo culminado, culminação e ponto são complexas, mas muito possivelmente reguláveis. De acordo com os exemplos anteriores, o que parece estar em jogo é não só uma culminação que se pode associar a um processo, por exemplo, como o processo preparatório de uma culminação (concluir o artigo em

⁸ Esta forma de interpretação deve-se a uma sugestão de Dowty.

⁹ Este exemplo é paralelo ao (14): "John is reaching the top".

dois dias/ está a concluir o artigo), como ainda pode ser importante o estado consequente (O João tem o problema resolvido/ o artigo está concluído) de um processo culminado ou de uma culminação.

Estes são alguns aspectos do Aspecto. No entanto, penso que um passo importante a ser dado é a forma como se pode dar a computação do valor aspectual de uma frase. A sugestão que faço, mas ainda a ser trabalhada, é a de que um conjunto de regras poderão operar sobre uma estrutura de superfície e cujo resultado será um 'traço semântico complexo' atribuído à frase¹⁰.

Assim, a estrutura da frase poderia ter a seguinte forma:

[F [SN] [Tempo] [Verbo] [SN] [SP] [Adv]].

[SN] deve ter os traços contável/não contável ou 'quantizado' ou cumulativo.

[V] pode ser um estado ou um evento. Neste último caso pode ser atómico ou alargado e em qualquer destes dois apresentar, ou não, consequente

[Adv] considere-se, por enquanto, só os durativos e os frequentativos.

Veja-se a título exemplificativo:

Um Processo (que é um evento alargado sem consequente) em que vamos considerar um Verbo [-consequência ou atélico] e os seus complementos:

¹⁰ Esta hipótese é diferente da de Verkuyl 72 que propõe que os aspectos sejam tratados a nível do SV, embora já sugira que "o termo 'Aspectos' se pode aplicar a configurações de categorias que ocorrem como parte de Verbo e de Sujeito" (Verkuyl, 72:100). Quanto ao sujeito poder também estar envolvido na composição dos Aspectos, Verkuyl sugere a seguinte frase:

(i) There has been water streaming out of that rock for hours

que é perfeitamente aceitável, contrariamente a:

(ii) There has been a litre of water streaming out of that rock for hours

que é uma frase não aceitável, a não ser que se lhe atribua uma interpretação iterativa.

(28) A Maria nadou na piscina durante uma hora

F[SN[+ cont] [Tempo] V[-cons, alarg.] SP [Loc] Adv[Durativo]]

Se à frase anterior se acrescentar "todos os dias", então passamos a ter um frequentativo que transforma um processo (Nadar) num ponto e eventualmente num estado (habitual)

Por outro lado, também é possível construir, a partir de um processo culminado, um processo. No entanto, vejamos em primeiro lugar um exemplo de um Processo Culminado:

(29) O João bebeu água ao almoço

em que o Verbo [+ consequência] e o argumento é [- contável].

Um exemplo de um processo culminado que dá origem a um processo é o seguinte:

(30) A Maria escreveu uma carta durante 5 minutos¹¹

em que a associação de um processo culminado a um Advérbio [durativo] tornou possível a construção de um processo. Quanto à constelação verbal de um processo culminado, ela pode ser do seguinte tipo: ¹²

F[SN[+cont]][Tempo]V[-cons(ou atético),dur]SN[+cont],(Adv[completivo])]

¹¹ Este exemplo é diferente de:

(i) A Maria escreveu cartas durante uma hora

¹² O conjunto de traços atribuídos a V deve-se ao facto de neste caso ser um processo.

Uma observação que pode ser feita a respeito deste último exemplo consiste na presença de "durante cinco minutos", mas, com efeito, é possível porque o ponto de culminação foi retirado (por agora) e desta forma passamos a um processo não concluído, isto é, " escreveu a carta durante cinco minutos mas não a concluiu". A este respeito veja-se a nota 11.

Vejamos agora um exemplo de um Ponto:

(31) A criança tossiu

cujo tratamento seria do seguinte tipo:

F[SN[+cont] [Tempo] V[-cons,atom] (SP{Loc})]

Se a frase continuasse com "várias vezes", então de ponto passaríamos a um estado (habitual) ou a um processo, pela adjunção de um frequentativo.

Um outro caso a exemplificar é o de Culminação, com a seguinte frase:

(32) A Rosa Mota ganhou a corrida

a que corresponderia:

F[SN[+cont] [Tempo] V[+cons,atom] (SN[+cont]) (Adv[completivo])]

No caso de se tratar de um Estado, como, por exemplo, em:

(34) O João ama a Maria,

então a análise seria dada por:

F[SN, [Tempo] V[estativo] (SN) (Adv) (SP)]

As questões que ficam em aberto são múltiplas e os assuntos não abordados também. Um deles gostaria, no entanto, de mencionar, pois diz respeito à discussão sobre o Progressivo. Cada vez mais na literatura se defende que frases em tal 'tempo' dizem respeito a um *estado*, embora, à partida pareça contra-intuitivo, pois quando se usa um progressivo parece estar a perspectivar-se um processo no seu decurso em que existe até uma certa gradualidade. Mas vejam-se alguns exemplos:

(34) O João *estava sentado* quando a Maria chegou

"estava sentado" diz respeito a um período de tempo antes, durante e até talvez depois de a Maria ter chegado. Este exemplo é, evidentemente, diferente de "O João esteve sentado no jardim" que é um estado consequente por se tratar do fim de um estado.

Quando a expressão estativa é substituída por uma culminação, um processo culminado ou um processo, a relação temporal entre as orações altera-se:

(35) O João saiu quando a Maria chegou (culminação)

(36) O João contou uma anedota quando a Maria chegou
(processo culminado)

(37) O João correu quando a Maria chegou (processo)

Deste modo, confirma-se que a culminação, o processo culminado e o processo descrevem uma situação de uma forma diferente daquela como o fazem os estativos. Confronte-se agora os mesmos exemplos, mas no Progressivo:

(38) O João estava a sair quando a Maria chegou

- (39) O João estava a contar uma anedota quando a Maria
chegou
- (40) O João estava a correr quando a Maria chegou

Com efeito, estes exemplos apresentam um certo paralelismo com (14), mas não é claro que todos eles possam ser um estado. Talvez se possa compreender um pouco melhor se equacionarmos esta questão com o chamado 'puzzle' do Imperfectivo' (cf. Dowty 79). Este 'puzzle' que podemos encontrar em exemplos do seguinte tipo:

- (41) O João estava a desenhar um círculo...
- (42) O João estava a atravessar a rua...(Asher 91)

diz que em certas construções no Progressivo, a situação descrita pode não ser concluída. Assim, se em qualquer um destes casos algo sucede como, por exemplo, o João ser apanhado por um autocarro enquanto atravessa a rua, então não se pode dizer que ele atravessou a rua.

Uma observação que se pode desde já fazer é a de que só os Progressivos de Culminações ou de Processos Culminados exibem este comportamento, uma vez que os processos, por exemplo, não tendem a um fim, isto é, são tipicamente atélicos.

Têm surgido vários tipos de solução para este problema e um deles é o que sugere Moens (87) que considera que há uma passagem de um processo culminado para um processo, porque o ponto de culminação deixa de ser descrito e por isso o que está em progresso é o processo preparatório conduzindo a um ponto de culminação. Dowty(79), por seu turno, recorre a 'inertia worlds', mas 'inertia' não está no mundo, mas no plano do João (que omite alguns pormenores cruciais do mundo). Portanto, o autocarro apanhá-lo é uma interrupção do plano do João (ou da acção pretendida que lhe atribuímos), e por isso uma interrupção da

estrutura que lhe associamos (cf. Moens 87). Por outro lado, Asher (91) considera que a solução desta questão se pode encontrar recorrendo ao Raciocínio não-monótono, isto é, de uma maneira informal, "o João atravessa a rua desde que não haja informação em contrário".

Com esta primeira abordagem a um assunto tão complexo, pretendi fundamentalmente equacionar algumas questões, isto é, como é que o tratamento do Aspecto, que é basicamente semântico, se pode relacionar com a análise sintáctica da frase, uma vez que o Aspecto está dependente de toda a frase e do jogo que os seus constituintes entretêm uns com os outros. Por isso uma questão que me parece crucial é a de qual a sintaxe adequada e como deve o Aspecto aí ser incorporado.

Na perspectiva aqui apresentada, parece que o caminho a seguir seria o de encontrar um conjunto mínimo de *traços* que jogando entre si pudessem determinar tipos básicos, que em conjugação com outros traços, viessem a tornar possível uma abordagem dinâmica do Aspecto.

Uma outra questão que se prende com o estudo do Aspecto é a de averiguar qual a classificação mais adequada dos estados-de-coisas, pois as propostas são múltiplas desde uma bipartição ou tripartição até à contemplação de mais categorias. Por último, poria ainda a seguinte questão: serão as classes aspectuais que explicam o Aspecto (os dados) ou a interacção da informação semântica veiculada pelos traços aspectuais que é crucial para a composição do Aspecto?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASHER,N.,1991. 'A Default, Truth Conditional Semantics for the Progressive', Manuscrito, Univ. de Texas, Austin.
- CARLSON,L. 1981.'Aspect and Quantification', in TEDESCHI,P. e A. ZAE-NEN(orgs.), *Syntax and Semantics* 14, Nova Iorque: Academic Press, p. 31-64.
- DOWTY,D. 1979. *Word Meaning and Montague Grammar*, Dordrecht:Reidel.
- DUBOIS,J. et al. 1973. *Dictionnaire de Linguistique*, Paris: Larousse.
- FILIP,H.,1991.'Aspect and Individuation', Manuscrito,Univ. California, Berkeley.
- KRIFKA,M.1989.' Nominal Reference, Temporal Constitution and Quantification in Event Semantics' in BARTSCH,R.,J. van BENTHEM e P. van EMDE BOAS (orgs.), *Semantics and Contextual Expression*, Dordrecht: Foris Pub., p.75-115.
- LEECH,G.,1971. *Meaning and the English Verb*, Londres: Longman.
- LYONS,J. 1977. *Semantics*, vol. II, Cambridge: C.U.P.
- MOENS,M. 1987. *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Edimburgo,Tese de Doutorado.
- MOURELATOS,A.1978. 'Events, Processes and States', in *Linguistics and Philosophy*, vol.2,nº3, p.415-434.
- SMITH,C. 1980.'Temporal Structures in Discourse', in ROHRER,N.(org.), *Time, Tense and Quantifiers*, Tübingen: Niemeyer, p.355-374.
- SMITH,C. 1991. *The Parameter of Aspect*, Dordrecht: Kluwer A. Press

- VERKUYL,H.J.1972.*On the Compositional Nature of the Aspects, Foundations of Language*, Suppl. Series, vol.15, Dordrecht: Reidel.
- VERKUYL,H.J.1987.' Nondurative Closure of Events', in GROENENDIJK , J. A. G.,D. de JONG e M.J.B. STOKOF (orgs), *Studies in Discourse Representation Theory and the Theory of Generalized Quantifiers*, Dordrecht: Foris, p.87-113.
- VERKUYL,H.J.1989. 'Aspectual Classes and Aspectual Composition' in *Linguistics and Philosophy* ,vol.12, nº 1, p.39-94.